

CEDI - P. I. B.
DATA 19/08/87
COD. CLD38

ÍNDIOS DA ÁREA INDÍGENA DO ARIPUANÃ

Os principais grupos indígenas que vivem no atual Parque Indígena do Aripuanã e suas imediações são constituídos pelos Cinta Larga e Suruí. Esses índios, de contato recente e espalhados pelos Estados de Rondônia e Mato Grosso, pertencem ao tronco linguístico Tupi-Kawahib.

Os índios de língua Kawahib, de acordo com informações de Nimuendajú, são remanescentes da antiga tribo Tupi denominada Cahahiba, que viveu desde os séculos XVIII na Bacia do Rio Tapajós. Estes estabeleceram-se, depois, no Rio Branco, tributário esquerdo do Rio Roosevelt, do onde partiram para a região das margens do Rio Machado (Rio Ji-Paraná), Riozinho e Leitão, afluentes do Machado. (LEVI-STRAUSS, 1948:229-300)

Os trabalhos da Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, chefiada por Rondon, que tiveram início em 1890, estabeleceram contatos com diversos grupos indígenas da região percorrida. Muitos desses grupos eram Tupi-Kawahib, tais como os Ipotewát, Parawawát, Takualóp. Contudo, os Cinta Larga e Suruí parece não terem estado entre esses grupos encontrados pela Comissão Rondon.

Os Cinta Larga, como são vulgarmente conhecidos devido aos largos cinturões de entrecasca de árvore usados pelos homens, constituem "de fato uma comunidade linguística, formada pelos subgrupos (ou bandos) Mã, Kakí, Kabã e Ubiei(...)" (JUNQUEIRA, dez.1981: 10)

O território tradicional Cinta Larga se estende das imediações da margem esquerda do Rio Juruena, do Rio Vermelho à altura das cabeceiras do Rio Juina Mirim, das cabeceiras do Rio Aripuanã até o salto de Dardanelos, as cabeceiras dos Rios Tenente Marques e Capitão Cardoso e as cercanias dos Rios Eugênia, Amarelo, Amalijinho, Guariba, Branco do Aripuanã e Roosevelt.

Os Suruí se estendiam pelas cabeceiras dos igarapés Riachuelo, Loureos, Riozinho e imediações da vila Pimenta Bueno, próximo à atual SP 364.

A penetração no território do Rio Aripuanã é recente, o que, de certa forma, explica a escassez de informações disponíveis sobre a região. O difícil acesso e a presença de vários grupos indígenas contribuíram para o retardamento da penetração nesse território, o que, por outro lado, permitiu, por um maior espaço de tempo, a manutenção da integridade física e cultural desses índios.

De acordo com alguns relatos, a área em questão era habitada por mais de dez mil índios que se espalhavam por mais de cem aldeias. Quase todas as tribos da região são de língua Tupi-Kawahib, como mencionamos anteriormente (Boca-Negra, Kama-Rama, Itogapuk, Pahim, Aipo-Sessí, Pawatê, Majubim, Mialat, Paranawát, Wiraféd, Takuatép, Ipotewat), sendo as maiores compostas pelos Suruí e pelos Cinta Larga. (DAVIS, 1978:106)

As informações disponíveis sobre os Cinta Larga e Suruí giram em torno de notícias sobre massacres, ataques aos seringais etc., num primeiro momento.

Um dos primeiros exploradores de borracha que se estabeleceram no alto Aripuanã foi um poderoso seringalista peruano chamado D. Alejandro Lopes, que ordenou um massacre contra os índios Iáme, que habitavam a região do Riozinho, próximo à cachoeira de Dardenelos (território tradicionalmente Cinta Larga). (Anexos 1 e 2)

Esses confrontos tiveram continuidade até 1960, quando o contato com a sociedade nacional se intensificou devido ao processo de colonização do noroeste de Mato Grosso e Rondônia, agravando a situação com relação aos índios da área. Esse processo tomou grande impulso com o início da construção da estrada Cuiabá-Porto Velho (BR-364), durante o governo de Juscelino Kubitschek, e a abertura da BR-29, que liga Acre a Brasília e corta o território dos índios Cinta Larga e Suruí. A confirmação pelas pesquisas do RADAM da existência de solos férteis e abundante volume de recursos minerais, principalmente cassiterita (elemento-chave para a produção de estanho), também colaborou para a aceleração do movimento em direção ao Território Federal de Rondônia. As companhias mineradoras multinacionais e os projetos de colonização espontâneos ou planejados, públicos ou privados, provocaram um intenso processo de especulação que antecipou a alta do valor da terra.

Os efeitos dessas transformações foram sentidos, de imediato, pelos grupos indígenas da região, principalmente com relação à sua integridade física. Os Cinta Larga e Suruí foram vítimas de doenças (sarampo, gripe, tuberculose) e de ataques violentos por pessoas interessadas na terra, nos minérios e na borracha, ocorridos, com maior intensidade, na década de 60. (Anexo 3) (1)

O mais popular desses conflitos, que teve grande repercussão pela imprensa devido à violência com que foi empreendido, ficou conhecido como o "Massacre do Pararelo 11^o". Esse episódio se deu contra os índios Cinta Larga a mando do seringalista

ta Antonio Junqueira. (Anexos 4 e 5)

O avanço indiscriminado sobre os recursos naturais (borracha e minérios, principalmente) da região do Aripuanã e seus afluentes, movido pelos altos interesses econômicos por parte de poderosos seringalistas e empresas mineradoras, obrigou o SPI a iniciar os trabalhos de pacificação dos dois maiores grupos indígenas desse território: Suruí e Cinta Larga. Num plano de trabalho elaborado em 29/04/64, José de Mello Fiuza salientou:

"A pacificação das tribos que habitam a região cortada pela BR-29, é tarefa que se impõe para evitar que aqueles Índios continuem tiroteados e despejados de suas terras por exploradores desumanos." (Filme 45 - Plan. 521)

Os estudos para a formação de uma expedição para contactar os Cinta Larga e Suruí tiveram início por volta de 1964, sob a chefia de Francisco Meireles.

Primeiramente foi interditada, pelo SPI, uma área compreendida entre os paralelos 11° e 12° e os meridianos 59° e 60°, no município de Aripuanã. (Anexo 6) A 30/05/64, a FUNAI aumentou o território interditado, com vistas à continuidade e segurança dos trabalhos de atração dos Índios Cinta Larga, circunscrito aos paralelos 11° e 12° e meridianos 60° e 61° (2). (Anexos 7a e 7b)

Todavia, essas interdições não obstaculizaram as frentes de exploração que se organizavam, dando origem, freqüentemente, a violentos choques, como verificamos pelo memorando de 08/10/68 encaminhado ao Inspetor Cicero Cavalcanti por um membro da expedição Cinta Larga.

"Coranico-vos que numeroso grupo garimpeiros invadiu território interditado atração Índios Cintas Largas, região igarape Felix Fleuryl. Urge tomasse medidas imediatas afim evitar choques Índios com elementos aventureiros que segundo informou delegado policia cidade Pimentto (sic) Bueno estao chefiados por individuo perigoso e conhecido invasor terras de Índios. Aguardo vossas providencias. Cordiais saudações, Francisco Meireles." (Filme 45 - Plan. 527)

A necessidade de liberar as terras da região à exploração econômica fez com que fossem iniciados trabalhos de contato e pacificação com os grupos Suruí e Cinta Larga que representavam um dos grandes empecilhos ao empreendimento. Trabalhos de localização de aldeias na área interditada foram levados a efeito. (Anexo 8) Em março de 1967, uma equipe de integrantes da Missão Novas Tribos do Brasil sobrevoou a região tradicional desses dois grupos Tupi-Kawahib, localizando uma série de malocas Cinta Larga e Suruí. (Anexo 9) (3)

64

Com o objetivo de acelerar o processo de atração dos Índios Cinta Larga, foram estabelecidos convênios entre a FUNAI e empresas mineradoras. Esses convênios eram, de certa forma, nocivos aos trabalhos de contato com os grupos indígenas, pois, a presença de pessoas despreparadas e com objetivos diametralmente opostos àqueles dos sertanistas gerava um clima de tensão na área. Por esses acordos as firmas interessadas se comprometiam a dar apoio material ao trabalho indigenista (custos de alimentação, transporte, assistência médica aos sertanistas etc.). (Anexos 10, 11 e 12)

Outros acordos do gênero foram propostos a autoridades governamentais diretamente interessadas na atração dos Cinta Larga. O ofício s/nº de 25/05/68 do Delegado Ministerial da FNI ao Secretário do Interior e Justiça de Mato Grosso propõe "a conjugação de esforços e recursos para a urgente pacificação dos Cintas Largas." (Anexo 13)

Todavia, os contínuos choques entre índios e brancos levaram funcionários da FUNAI em Rondônia a solicitar a instalação de outros postos ou sub-ajudâncias, na tentativa de poder exercer um maior controle no trânsito de garimpeiros e seringalistas na área. Em telegrama datado de 13/12/68, ao Secretário Executivo da FNI, J.B. Cavalcante de Melo, o chefe da ajudância de Porto Velho salienta a urgência de se instalar uma unidade do órgão tutelar como forma de coibir os confrontos entre índios, garimpeiros e seringueiros.

"Numerosas aldeias silvícolas Cintas Largas habitam Igarapês margens direita Alto Rio Roosevelt et outras marges esquerda inclusive aldeia Suruí entre nascentes Igarapês Madeirinha et Branco v.g. cujos setores se acham atraídos por centenas de garimpeiros et seringueiros v.g. urge portanto seja instalado maxina brevidade uma ajudancia ou sub ajudancia dito setor preferencia cidade Aripuanan pois muitas coisas acontecem contra silvícolas aquele setor sem chegar conhecimento FUNAI. Pt Sds C. Cavalcanti Chefe Ajudancia FNI P. Velho." (Filme 45 - Plan. 524)

O telegrama nº 19 do mesmo chefe da Ajudância de Porto Velho confirma a necessidade do pedido, chamando a atenção para a gravidade da situação na área de atração dos Cinta Larga. (Anexo 14)

Após visitas intermitentes à expedição de atração, os Cinta Larga estabeleceram o primeiro contato em meados de 1969. (Anexos 15 e 16)

"Índios Cintas Largas continuam contato permanente expedição v.g. não deixam rondar redores nosso acampamento v.g. todas nossas atividades et levando todos brindes deixamos para eles tapiri et retribuindo sempre com fle

chas et outros artefatos seu uso vg bem
como produto suas lavouras pt (...)"
(Filme 45 - Plan. 527B)

Em telegrama urgente transmitido pelo chefe da Aju-
dância de Porto Velho ao Diretor do DAS da FUNAI, o chefe substi-
tuto da expedição Cinta Larga, Apoena Meireles, informa:

"...dia dezessete corrente silvicolas Cin-
tas Largas chegaram barracão dita expedi-
ção et mantiveram contato frente a frente
pessoal dita expedição et permutaram seus
artefatos por ferramentas pt Esse contato
direto ocorreu tranquilamente pt Inspetor
Francisco Meireles chegarah hoje referido
barracão conduzindo ferramentas et outros
brindes fim atender contato dos Cintas Lar-
gas pt Sds C. Cavalcanti chefe Ajudancia
P. Velho - RD." (Filme 45 - Plan. 525B)

A atração dos Índios Suruí foi um pouco mais demora-
da, sendo concluída em 1969, quando sua população somava cerca de
600 pessoas. (4)

Atualmente, os Índios Suruí e Cinta Larga se distri-
buem entre os Postos Indígenas Serra Morena, Roosevelt, Riozinho,
Sete de Setembro. (Mapas 1, 2 e 3)

De acordo com relatório da antropóloga Carmem Junquéi-
ra, os Cinta Larga se distribuem da seguinte forma (5):

- malocas situadas entre os rios Branco do Aripuanã e Guariba (8 ma-
locas): 83 - 43 homens e 40 mulheres
- P.I. Roosevelt: 40 - 20 homens e 20 mulheres
- maloca do Capitão Barroca: 66 - 38 homens e 28 mulheres
- maloca do Canário: 14 - 7 homens e 7 mulheres
- P.I. Serra Morena: 54 - 26 homens e 28 mulheres
- população dispersa: 47 - 20 homens e 27 mulheres

Os grupos Cinta Larga que vivem nas cabeceiras dos
rios Eugênia e Tenete Marques são hostis aos do P.I. Serra Morena.
Os Cinta Larga de Serra Morena pertencem ao subgrupo Kabã e, em 1973,
começaram a se fixar neste posto que foi criado em 1972. (Anexo 17)

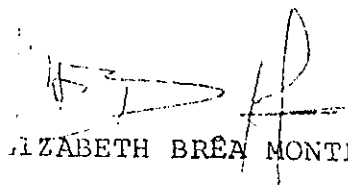
Os Suruí constituem um grupo de 250 índios vivendo no
P.I. Sete de Setembro e Linha 14, perfazendo uma área de cerca de
220 mil ha no Parque Indígena do Aripuanã. Suas aldeias distam, a
proximadamente, 50 km da cidade de Cacoal, à beira da BR-364, cuja
população é de 20.000 habitantes.

Projetos de desenvolvimento, tais como Polonoroeste e
Polamazônia (Programa de Pólos Agropecuários e Agrominerais da Ama-
zônia), elegeram como área de atuação o Aripuanã devido às suas
"condições invejáveis": importantes jazidas minerais, terras de al-
ta fertilidade, florestas de grande valor comercial e energético.

Esses projetos que visam, teoricamente, a incorporação da região ao sistema econômico nacional, o assentamento de migrantes em lotes de terras, o estabelecimento de infraestrutura básica através de serviços médicos, escolares etc., propiciam, na verdade, invasões das terras Cinta Larga, intensificação dos contatos, contaminação por doenças, desmembramento de seu território pela construção de estradas etc.

Atualmente, quatro fazendas estão instaladas dentro do Parque Indígena do Aripuanã, próximo ao P.l. Roosevelt, em território dos Cinta Larga. Os Suruí também têm sua área invadida. Companhia Itaporanga, de propriedade da família paulista Melhorança em 1971, loteou, ilegalmente, terra indígena para assentamento de colonos. Hoje vivem em território Suruí cerca de 200 famílias de colonos ocupando lotes de 100 ha cada um.

MA



ELIZABETH BRÊA MONTEIRO.

67
AP

BIBLIOGRAFIA

- ARNAUD, Expedito & CORTEZ, Roberto. Aripuanã: considerações preliminares. Acta Amazonica, Manaus, 6(4), Suplemento:11-31, 1976.
- PROOKS, Edwin et alii. Tribes of the Amazon basin in Brazil 1972. London, Tonbridge, Knight, 1973.
- CHAPELLE, Richard. Os Índios Cintas-Largas. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, USP, 1982.
- Chiappino, Jean. The Brazilian indigenous problem and policy: the Aripuana Park. Amazind/IWGIA Document, Copenhagen, Geneva, 19, 1975. 28 p.
- CLAY, Jason. The Polonoroest Project. In: Cultural Survival Inc. In the Path of Polonoroest: endangered peoples of Western Brazil. Cambridge, Occasional Paper 6, oct. 1981. p.9-22.
- DAVIS, Shelton H. Vítimas do Milagre, o desenvolvimento e os Índios do Brasil. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- JUNQUEIRA, Carmem. Cinta Larga. In: Cultural Survival Inc. In the Path of Polonoroest: endangered peoples of Western Brazil. Cambridge, Occasional Paper 6, oct. 1981. p. 55-58.
- _____. Os Cinta Larga de Serra Morena. Relatório de dez. 1981.
- _____; LIMA, Abel e LAFER, Betty. "Terra e conflito no Parque do Aripuanã - o caso Suruí". SANTOS, Alvío Coelho dos (org.). O Índio perante o Direito. Florianópolis, Ed. da UFSC, 1982.
- LEVI-STRAUSS, Claude. The Kawahib. HANDBOOK OF SOUTH AMERICAN INDIANS. Smithsonian Institution, Washington, 3:299-305, 1948.
- MINISTERIO DO INTERIOR. Interior. Ano 4, nº 25, jul/ago 1978.
- _____. Porantim, Brasília, 5(49), mar. 1983. p.3.

NOTAS

- (1) Outros documentos referentes a esses episódios não puderam ser anexados ao presente relatório devido à falta de material para a sua reprodução.
- (2) Com relação ao segundo edital de interdição de 30/05/68, há um erro cuja correção pode ser verificada na publicação do mesmo no Diário Oficial (Anexo 7b). A forma correta é "Declarar interditas áreas indígenas compreendidas entre os meridianos 61^o e 60^o e os paralelos 11^o e 12^o(...)".
- (3) A viagem da Missão Novas Tribos do Brasil para localização de aldeias indígenas na região do Rio Aripuanã foi realizada sem autorização do órgão tutelar, conforme verificamos pelo Ofício nº 37 de 12/04/67 do chefe substituto da 9.^a ININD, José de Melo Fiuza (Anexo 18).
- (4) Como os contatos com os Suruí ocorreram com maior intensidade em 1969, quando a FUNAI já se encontrava plenamente estabelecida, acreditamos que os documentos relativos a esse acontecimento devam estar depositados na sede dessa Fundação, em Brasília. No acervo do Setor de Documentação do Museu do Índio (RJ), não localizamos nenhum documento importante relativo ao fato.
- (5) Esses dados censitários se referem ao ano de 1981 e foram elaborados pela equipe da Pastoral Indigenista da Prelazia de Rondônia (Ji-Paraná) para integrar a "Proposta para delimitação da área indígena do Aripuanã destinada aos Índios Cinta Larga".
- (6) Os fotogramas nº 000283 a 000285 do Anexo 15 estão ilegíveis. Logo que haja condições materiais, enviamos cópias desses documentos.

Carta S/N.º

Rio de Janeiro, 27 de janeiro de 1984

À Sra.
Assessora I / Setor de Documentação
Clara Maria Galvão
Museu do Índio - FUNAI

Em atendimento à solicitação da Assessoria de Estudos e Pesquisa, estamos encaminhando relatório sobre os principais grupos indígenas que vivem na área do Parque Indígena do Aripuanã, ou seja, os Cinta Larga e os Suruí.

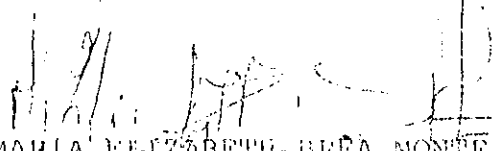
As informações disponíveis sobre esses dois povos indígenas são reles, o que não nos permite traçar um quadro muito amplo da ocupação desse território pelos referidos índios. Sabemos, contudo, que se trata de região tradicionalmente habitada por grupos da família lingüística Tupi-Kawahib, à qual pertencem os Cinta Larga e os Suruí.

Além dos dados contidos neste relatório, acreditamos que haja outros documentos de interesse para o processo sobre a Área Indígena do Aripuanã no Setor de Documentação da FUNAI, em Brasília. Como o processo de atração e pacificação dos referidos grupos transcorreu durante a transição do SPI para a FUNAI (1967-68), possivelmente algum material tenha permanecido nessa sede.

Ademais, de acordo com informações fornecidas pela antropóloga Carmem Junqueira, podem ser encontrados nos "Diários Cintalargas" de Jesco von Puttkamer importantes relatórios do sertanista Francisco Meireles, que chefiou a expedição de atração dos Cinta Larga. Esses diários foram doados à Universidade Católica de Goiás e constituem, atualmente, parte do acervo do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia dessa instituição.

Os documentos referentes ao assunto em questão, depositados no Setor de Documentação do Museu do Índio (RJ), estão microfilmados e não puderam ser reproduzidos integralmente por falta de material. Todavia, logo que nos for possível, enviaremos as cópias que não foram anexadas ao presente relatório.

Atenciosamente,


MARIA ELIZABETH-BREA MONTE
Antropóloga / SEDOC

FUNAI/DGPI
RECEBIDO 07/02/84
1002/1224

BT
9